

## **Guattari: agenciamento, território e transversalização. Como olhar a crise.**

*Talita Tibola<sup>1</sup>  
Gabriel de C. A. Alvarenga<sup>2</sup>*

### **Resumo:**

Como enfrentar o fim do mundo? Guattari indica o agenciamento e sua mistura como chave de entendimento e ativação de uma micropolítica de criação constante. Apoiados em conceitos como o de território existencial, universos de referência e agenciamento, buscamos explorar como a produção de Guattari indica leituras dos ditos momentos de crise como pontos de enfrentamento que nos levam para a imanência em uma radicalidade prática e contingencial. Pensar e agir no contemporâneo para Guattari se aproxima muito mais de um combate forte aos postulados e sobre codificações atuantes em diversas dimensões e abertura para uma prática de criação e cuidado constantes. Nessa entrada micropolítica, dimensões como o sistema capitalista e os modos singulares de vida se misturam e se interconectam mostrando que as estratégias se alojam na prática, e onde a crise deflagra uma análise de nossas relações e de novas formas de recriá-las.

### **Palavras-chave:**

crise, território existencial, Félix Guattari,

### **1. Primeiro movimento: Guattari é amante de Deleuze**

Sempre brincamos que Guattari é a amante do Deleuze. É aquela que é sempre escondida. Aquela que é escondida e que, nessa característica, expressa algo que todas as mulheres tem de próximo às prostitutas: ser escondida. As mulheres escondidas na filosofia, na ciência, na arte. Na vida.

---

1 Talita Tibola é psicóloga, mestre em educação e doutora em psicologia e atualmente pesquisadora Capes/PNPD na Escola Superior de Desenho Industrial (UERJ) onde pesquisa dispositivos de mediação e produção de conversas aproximando metodologias do design àquelas da psicologia social.

2 Gabriel é psicólogo, doutorando em Psicologia pela UFF pesquisando arte e produção de subjetividade no contemporâneo, professor de Psicologia do Centro Universitário São Camilo – ES, autor do livro “Vida e Arte – criação na borda, no balanço paradoxal” e outros títulos em literatura.

Acontece com frequência que Guattari não seja citado ao se falar de textos que ele escreveu com Deleuze. Da mesma forma, acontece com frequência que Deleuze seja citado mesmo que se esteja falando de textos de Guattari dos quais Deleuze não é autor. Isso é algumas vezes até justificado. No primeiro caso podemos ouvir afirmações do tipo: “...mas Deleuze já falava do *Corpo sem órgãos* antes do encontro com Guattari”, e no segundo: “A noção de Guattari de máquinas desejanças se transforma como conceito e ganha outra dimensão a partir do encontro dos dois autores”.

A segunda afirmação nos parece mais plausível, mesmo se estivermos nos referindo somente a Deleuze, e também mais coerente com a filosofia proposta pelos dois autores. De certa maneira, esse tipo de afirmação está bastante ligada à própria ética proposta por Deleuze e Guattari, uma ética deleuze-guattariana, chamada muitas vezes também de “ética deleuziana”, de que o encontro dos dois autores produz um agenciamento específico, inexistente, impossível de existir separando-se o que é de um e o que é de outro. O que cada um traz para esse encontro.

Mas apesar de pela lógica do agenciamento não importar qual nome se sobressairá para falar desse encontro, talvez não seja por acaso que seja aquele de Guattari o esquecido, pois Guattari é uma mulher nessa relação. Essa mulher vai falar sobre a cozinha<sup>3</sup>, sobre o que se passa no fazer das coisas, no processo até chegar a conceitos que conhecemos. Além disso, Guattari tem uma grande influência num dos conceitos mais polêmicos de “Deleuze” e que dá título ao ensaio *Devir-mulher* em seu livro *Revolução Molecular* (Guattari, 1977), livro pós *Anti Édipo* onde em tom rasgado e afiado afirma que todo processo de devir se inicia com um devir-mulher. Esse devir-corpo-de-mulher que jamais deve ser entendido como identificação em binarismos heteronormativos de mulher como classe que organiza socialmente desde a família ao Estado, mas é dela vizinha, e diz de toda brecha que abre um posicionamento não falocêntrico e antitético ao capitalismo. Diz dessa linha minoritária do feminino que abre a potência de outros devires criança, animal, imperceptível. Uma primeira linha de dissidência, de sabotagem da máquina abstrata binária do macho-branco-hetero-burguês que organiza a subjetivação e os códigos contemporâneos. Um feminino que abre à imanência em potência afirmativa, que não se acessa somente por ter corpo de mulher ou mesmo se garante em tantas

---

3 Usamos a palavra “cozinha” aqui da mesma forma que é utilizada no debate da epistemologia feminista, para pensar uma “cozinha das teorias”.

experimentações como as da homossexualidade – interessante ponto explorado muito por Guattari nesse mesmo ensaio –, mas sim essa linha de fuga que abre o campo da imanência em mutações de resistência e criação.

O que incomoda a alguns estudiosos de Deleuze, é que Guattari seja muito militante, muito voltado à prática e muito otimista, não consegue, assim, ser filósofo. Mas, não seriam exatamente essas questões que possibilitariam a Deleuze e Guattari chegar na pop-filosofia? Talvez seja só com Guattari que possamos chegar na pop-análise, na prática rizomática que se estende não para o Uno ou para o múltiplo, mas para as multiplicidades.

O que incomoda a alguns estudiosos de Deleuze, que insistem em dizer que Deleuze deveria preferir andar só a andar com Guattari<sup>4</sup>, é que Guattari seja muito militante, muito voltado à prática e muito otimista, não consegue, assim, ser filósofo. Mas, não seriam exatamente essas questões que possibilitariam a Deleuze e Guattari chegar na pop-filosofia? Talvez seja só com Guattari que possamos chegar na pop-análise, na prática rizomática que se estende não para o Uno ou para o múltiplo, mas para as multiplicidades.

O falar da cozinha, pensar a partir da cozinha, é o clínico imanente em Guattari e presente tanto em seus textos escritos com Deleuze, como é o caso de *O Anti-édipo – capitalismo e esquizofrenia 1* (2010) *Kafka - por uma literatura menor* (2014), quanto nos textos em que escrevem separadamente, como é o caso de *Crítica e clínica* (1997), escrito por Deleuze e *Caosmose – um novo paradigma estético* (1992), de Guattari.

Foi refletindo sobre isso, sobre o modo de pensar a partir dos processos a que Guattari nos incita, que lembramos da cozinha desse texto: esse texto surge como uma fala inserida na finalização do curso *Multitudoceno: memórias, movimentos e cidadania*<sup>5</sup> que teve como centro a busca de caminhos e encontros na crise. De certa maneira, o próprio título escolhido para o curso é um modo de questionar posições que se colocam diante da crise de forma muito catastrofista, como é o caso das

---

4 A obra de Slavoj Žižek *Órgãos sem Corpo: Deleuze e Conseqüências*, é um grande exemplo disso. Nela, o autor explica como o que tornou Deleuze um má filósofo foi Guattari. (Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2011)

5 Esse texto é inspirado na palestra realizada por Talita Tibola no Curso Multitudoceno: memória, movimento e cidadania, realizado em nove aulas ao longo do ano de 2017 no Museu da República – RJ e organizado Barbara Szaniecki, Giuseppe Cocco. Paulo Cesar Azevedo Ribeiro e Regina Teixeira. <http://museudarepublica.museus.gov.br/ibram-agenda/curso-multitudoceno-memoria-movimento-e-cidadania/>

referências ao “fim do mundo”, muitas vezes presentes em alguns posicionamentos que colocam como centro do debate a questão ambiental e do Antropoceno<sup>6</sup>. Nesse sentido, mais do que um *Antropoceno* – que orienta a sua lógica a partir do entendimento de que o homem, com sua influência na terra teve tanto impacto a ponto de provocar uma nova era geológica – preferimos acompanhar Haraway (2016) quando fala em *Chthuluceno*.

Donna Haraway, em sua palestra *Anthropocene, Capitalocene, Chthulucene: Staying with the Trouble* (2014)<sup>7</sup>, afirma que sua referência à palavra *chtulu* vem da palavra grega *Khthonios*, que significa *da terra*, referindo-se mais ao interior do solo do que à terra como entidade (gaia)<sup>8</sup>, em grego refere-se também aos deuses que vivem no interior da terra. No entanto, *Chthulu* é também um personagem de Lovecraft<sup>9</sup>, uma entidade cósmica que representa todo o mal da humanidade, descrita como um polvo, um dragão que mesmo assim mantém semelhanças com a forma humana, além disso, foi uma palavra usada para descrever uma espécie de aranha da Nova Guinéa<sup>10</sup>. Apesar de referir-se somente ao termo grego nesse primeiro momento e afirmar que não está se referindo ao conto de Lovecraft, o modo como Donna Haraway desenvolve essa questão no livro *Staying with the trouble: makin kin in the Chthulucene* (2016) coloca todos esses elementos em cena: a monstruosidade de *chtulhu*, a tentacularidade de polvos e aranhas extendidas a todos os seres, falando de nossa coletividade imanente que faz com que nossos corpos sejam povoados de milhares de outros, fungos, bactérias, e o viver na barriga do monstro, no centro da monstruosidade que é a terra.

---

6 Antropoceno é como é definida por alguns cientistas a nova era geológica em que estamos inseridos. Essa era tem como marco a transformação da terra - mudanças climáticas, alterações na camada de ozônio, biodiversidade - a partir da intervenção do homem. O debate inserido nesse contexto coloca a questão do “fim do mundo”, pois essa influência agressiva do homem levaria ao esgotamento dos recursos naturais e das condições de vida para o homem na terra. Ela é também questionada por aqueles que afirmam que continuar colocando o problema a partir da centralidade do homem é de certa maneira reforçá-lo. Para leituras sobre o Antropoceno Facing Gaia. Eight Lectures on the New Climatic Regime (Latour, 2017) e Down to Earth: Politics in the New Climatic Regime (Latour, 2018), para uma visão alternativa ao antropoceno, ver: “Staying with the trouble: makin kin in the Chthulucene)

7 Ver: Donna Haraway, “Anthropocene, Capitalocene, Chthulucene: Staying with the Trouble”, 5/9/14 <https://vimeo.com/97663518>

8 Ver verbete Wikipédia “Ctonico” <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ct%C3%B3nico>

9 O livro O chamado de Chtulu de Lovecraft é considerado fundante de uma literatura de terror que constitui seres malignos e fantasiosos.

10 Ver: [https://en.wikipedia.org/wiki/Pim%C3%B3a\\_choyudo](https://en.wikipedia.org/wiki/Pim%C3%B3a_choyudo)

Propondo essa expressão ela propõe um outro modo de pensar o Antropoceno, pois esse termo explicitando não a centralidade do homem como agressor, mas a “monstruosidade” e complexidade dos problemas tanto em sua composição – não é possível pensarmos uma “causa” de maneira individuada que já não implique uma interconectividade de questões e seres – quanto em sua possível solução – o entrelaçamento de seres explicita que só é possível “pensar com”, produzir alguma coisa se forem feitos caminhos *com* todos esses seres.

Não com esses mesmos termos, mas uma complexidade parecida é pensada por Guattari para se enfrentar os problemas da humanidade de modo a não separar os âmbitos políticos, ambientais e subjetivos. Principalmente nos anos que antecederam sua morte, a crise “ambiental” se torna uma questão central em sua obra. Uma de suas últimas falas se tornou bastante célebre e se intitulava “A ecosofia” na qual ele dizia que para compreender as crises que temos vivido é preciso ter uma compreensão que compreenda uma *ecologia ambiental*, uma *ecologia social* e uma *ecologia mental*. Pelo próprio modo que compreendia a noção de crise, talvez Guattari estivesse bastante próximo do que Haraway chama de *chtuluceno*.

Um dos grandes legados de Deleuze e Guattari é aquele de pensar “crítica e clínica”, a crise em sua ambiguidade, a clínica a partir da crise: uma mudança, forçada, repentina, inesperada e até violenta, mas que nos força a pensar. Deleuze e Guattari consideram o pensamento, em diversas obras como *Conversações* (1992) de Deleuze (1992) e *O que é a filosofia?* (1992), dos dois autores, como um procedimento de ruptura e proliferação de problemas. Processo esse não “pertencente” ao homem em seu racional, mas imanente aos processos do mundo. Crise como ponto de aglutinação, de saturação, onde algo se rompe e afirma outros traçados.

Portanto, o que nos interessa em Guattari é exatamente o que o torna desinteressante para muitos filósofos. A sua construção da filosofia, teoria ou pragmática a partir de uma militância, em especial, seu trabalho em instituições de cuidado<sup>11</sup>. Toda sua reflexão parte da análise das instituições, tanto instituições

---

11 Guattari tem uma ampla atuação na clínica psiquiátrica de *La Borde* fundada por Jean Oury, espaço de experimentação de estratégias alternativas de cuidado e convivência que dá corpo à Análise Institucional em seu nascimento, sendo um dos precursores e referência da Reforma Psiquiátrica e da Anti-psiquiatria. Foi integrante da Juventude Comunista (do qual foi expulso por divergências com relação ao “plano” do Partido Comunista) e contato

clássicas reconhecíveis, como hospitais psiquiátricos, quanto da percepção de como nossa subjetividade vai ser constituída pelas práticas e o modo como elas são perpetuadas a partir de relações de poder, pra usar a expressão de Foucault (1999). Guattari não se atém a colocar que o inconsciente é produzido pelo social, sendo um social que influencia o individual, uma crítica que ele faz da própria psicoterapia institucional. Mas a pensar que a própria relação, o agenciamento, é primeiro (1998) e não o sujeito.

Ele vai criticar que a psicoterapia institucional, com a qual também trabalhava, tinha ainda um modelo a se seguir, como o consciente da instituição, em contrapartida ele vai propor uma análise institucional que se propõe a pensar os movimentos instituintes e os processos instituídos e a relação entre eles, as coisas que se congelam em modos de fazer, e os movimentos que estão ali, incomodando e muitas vezes forçando a mudança. Os movimentos de transformação que vão modificando as formas de nossos mundos.

A análise da relação entre processos instituídos e movimentos instituintes é o que ele vai chamar de micropolítica. E isso é muito importante pensar para não cairmos sempre nos mesmos falsos problemas sobre se vamos investir em lutas locais ou em lutas globais, se vamos investir num “panorama micro” ou num “panorama macro”. Pra ele não se trataria de investir ou não na micropolítica como se o *micro* fosse o pequeno e que pudéssemos escolher nos focar somente nela. A micropolítica é o movimento de procurar apreender o movimento das coisas – por isso que a metodologia está ligada à cartografia, ligada à percepção dos fluxos que constituem nosso espaço-tempo e não simplesmente o desenho de lugares – e esse movimento é feito de corpos, de poderes, de lutas situadas que estão num mundo e constituem esse mundo. Não é possível uma ação local que não esteja pensando de que modo esse local se constitui, se define e passa a existir enquanto um lugar. E dessa militância é Guattari quem diz que “militar é agir.” (1977, p 12), afirmando a mistura dos extratos tão estruturados da ciência política e do sistema capitalista. Agir localmente, de dentro de um grupelho onde as dimensões perdem um pouco de relevância, pois não se está fora deles nunca e a ação micropolítica é transversal.

Não se trata somente de afirmar que o social é formador da personalidade, mas de que a própria realidade primeira é já um “agenciamento”, um conjugado de

---

constante com movimentos sociais diversos como o das rádios livres, movimentos de revolução e independência na África e Américas, dentre outros.

diferentes corpos. O modo dele de compreender a realidade, quando ele afirma que é preciso analisar os movimentos instituintes frente ao instituído é um modo que já indica esse pensamento da noção de agenciamento.

Em seu aspecto material ou maquínico, um agenciamento não nos parece remeter a uma produção de bens, mas a um estado preciso de mistura de corpos em uma sociedade, compreendendo todas as atrações e repulsões, as simpatias e as antipatias, as alterações, as alianças, as penetrações e expansões que afetam os corpos de todos os tipos, uns em relação aos outros. (D. e G., 1995, p.31)

## **2. Segundo movimento: a tetravalência do Carbono**

Para falarmos sobre micropolítica é preciso compreender o que Guattari chama de agenciamento, pois esse pensar os movimentos instituintes e os instituídos que surgem de uma prática institucional, está muito ligado à base desse conceito. As noções de territorialização e desterritorialização que, como veremos, são utilizadas por ele na definição de agenciamento, poderiam ser definidas, *grosso modo*, como a expressão abstrata das noções de processos instituintes e instituídos. O pensamento sobre o agenciamento está na base do trabalho de Guattari e expresso nos seus textos, mas aparece de maneira mais sistemática e filosófica no seu trabalho com Deleuze.

Para eles, o agenciamento é um conjunto de relações materiais e de um regime de signos que corresponde a elas, ou um regime de signos que evoca outros signos. Esses signos não são somente signos linguísticos, mas todo tipo de signo. Esse conceito tem o intuito de pensar para além da noção significado X significante, proposta pela linguística, onde o significado, de natureza não linguística, seria representado pelo significante de natureza linguística. Deleuze e Guattari opõem o agenciamento a esse tipo de entendimento da linguagem e constituição do real para pensar a potência de transformação incorporal nos corpos sociais e individuais operadas pelo discurso. *Um* exemplo bastante simples que eles dão é o do juiz que, ao proferir para o réu: “culpado” ele transforma um corpo. Não se tem mais o mesmo agenciamento. Um corpo que não era culpado passa a ser culpado. A passagem dessa transformação de um corpo é o que eles chamam de acontecimento.

“Expressando um atributo não corporal, e ao mesmo tempo atribuindo-o aos corpos, não estamos representando, não estamos nos referindo, estamos intervindo de alguma maneira, e é um ato de linguagem. A independência das duas formas, de expressão e de conteúdo, não é contrariada, mas pelo

contrário, é confirmada por isso: as expressões vão interferir nos conteúdos não para representá-los, mas para antecipá-los, recuá-lo, ralentar ou precipitar, destacar ou reunir, recortá-los diferentemente. (Deleuze e Guattari, 1980, p.112.)”

Essa relação entre enunciados e corpos são expressas no agenciamento a partir do que eles chamam de dois eixos, sendo um horizontal com pólos de *conteúdo* e *expressão*, que são chamados respectivamente de *agenciamento maquínico de corpos* e *agenciamento coletivo de enunciação*. E outro horizontal, feito por *lados territorializados* e *picos de desterritorialização*. (Deleuze e Guattari, 1995, p.29). “Temos que pensar a desterritorialização, como uma potencia perfeitamente positiva, que possui seus graus e seus limiares (epistratos) e que é sempre relativa, tendo um reverso, uma complementaridade na reterritorialização” (Deleuze e Guattari, 1995, p.29). O agenciamento seria portanto formado por agenciamento maquínicos de corpos (que Guattari chama também de agenciamento maquínico de desejo) e agenciamentos coletivos de enunciação. O agenciamento maquínico dos corpos, seria uma mistura de corpos agindo uns sobre os outros e o agenciamento coletivo de enunciação a mistura de atos, enunciados, transformações incorporais – exemplificado pela situação da transformação de um corpo de inocente a culpado – que se atribuem aos corpos. A análise se dá na relação desses “polos”, em como esses polos se conjugam. E esses polos vão se relacionar a partir de movimentos de territorialização, que estabilizam um agenciamento, e de desterritorialização, que o desestabilizam. Essa desestabilização é sempre relativa a uma situação, ela é sempre contingencial. (Deleuze e Guattari, 1995, p. 29). Esse esquema conceitual é muitas vezes expresso da seguinte maneira:



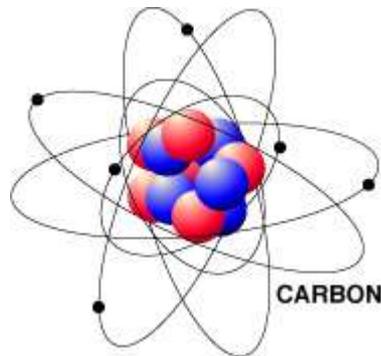
Contudo, procurando uma visualização que possa expressar melhor esse pensamento, prestamos atenção à palavra específica que Guattari utiliza para referir-se aos quatro eixos do agenciamento: *tetravalência*. A palavra tetravalência, assim como os conceitos molar e molecular e caosmose, faz uma referência à química, e não parece ter sido escolhida de maneira casual. Mesmo sem nos aprofundar no debate da noção de tetravalência já conseguimos ter algumas pistas de como Guattari pensava o conceito de agenciamento. Tetravalência é uma característica específica do carbono, e refere-se à sua capacidade de formar quatro ligações covalentes, disponibilizando, ou melhor, compartilhando, quatro elétrons ligantes.

O que chamamos de ligações químicas é a conjugação entre átomos através da troca de elétrons no momento da constituição das moléculas. Essa troca acontece com uma tendência de busca de “estabilidade” na qual os átomos doam, recebem ou compartilham elétrons para chegar a ter oito elétrons em sua camada mais externa. Uma ligação covalente é quando existe uma partilha entre os elétrons dos átomos, dessa maneira, o carbono tem características bastante específicas, pois realiza quatro ligações covalentes, ou seja, quatro ligações onde não se doa, nem se recebe, mas se compartilha elétrons.

É isso que faz com que o carbono seja muito maleável nas suas relações, conjugando-se, compartilhando com diferentes átomos e formando diferentes moléculas. Ele precisa de muitas ligações então não está muito interessado com qual outro átomo vai se conjugar, está aberto para dividir e variar. Não é por acaso que por muito tempo o carbono foi considerado a “base da vida”, e é a partir de uma característica do carbono que Guattari define a o agenciamento, o que ele e Deleuze vão chamar de, a “unidade real mínima” (Deleuze e Parnet, p.65)

É o agenciamento, para Guattari, o que vem primeiro, o que é anterior à ideia, ao conceito, ao significante (p.65), ao sujeito ou qualquer individualização. A “base da vida” como essa capacidade de quebrar e refazer barreiras, o carbono-agenciamento como o mais vital e mais mortífero de todos elementos. E em que, o

tipo (a qualidade) de corpo que será constituído está diretamente ligado ao tipo de ligação constituída. E, para além de toda a insuficiência teórica que pode haver em nosso pensamento, ainda assim, não seria mais fácil compreender o que Guattari entende por agenciamento se pensarmos uma imagem assim:



Onde não há precisamente um eixo horizontal e outro vertical, há órbitas circulares em torno de um núcleo mais fixo, mas esse núcleo vai ser também mutável a partir dos movimentos, ligações, conexões dessas órbitas, formando materialidades, corpos e suas formas mais ou menos estáveis e, a depender de suas relações, mais ou menos abertos a conexões. Os agenciamentos maquínicos de corpos e agenciamentos coletivos de expressão formando um núcleo conjugado e que se transforma a depender dos movimentos de desterritorialização ou territorialização.

O agenciamento como uma quebra e construção de barreiras, de ligações covalentes onde as ligações são sempre um processo de compartilhamento. Os átomos se juntam, pois eles precisam de menos energia quando conectados, é como uma lei da sobrevivência: é melhor viver junto. Quando Guattari (2012) fala que o agenciamento é anterior à individualidade não é apenas porque se refere a uma reunião de pessoas, mas para pensar a própria constituição do mundo como um processo coletivo.

O carbono não é somente o mais sociável dos átomos, mas o mais aberto a transformações. O importante não é pensar nos corpos definidos que estão em relação, mas na maquinação nova que emerge ao se efetuar um agenciamento. Pensar a vida como um processo contínuo em transformação é o que Guattari coloca em jogo também quando utiliza a expressão caosome (2012), uma forma de provocação, indicando o movimento da vida não ligado à busca de equilíbrio (osmose), mas na

direção do *caos*. Não uma busca pelo indiferenciado ou simplesmente confuso, mas uma busca do próprio movimento em si. A vida como movimento.

Então é interessante pensar que o agenciamento seria formado por esse núcleo de agenciamentos maquínicos de corpos e agenciamentos coletivos de enunciação que vão variar a partir dos movimentos provocados pelo movimento de elétrons em suas formas mais ou menos desterritorializadas. E que essa desterritorialização ou territorialização vai estar sempre ligada à capacidade de acoplamento com outros elementos. Capacidade de conexões, novas relações.

A *micropolítica* vai estar então interessada em pensar como se constituem esses corpos coletivos, em como são realizadas essas ligações de carbono que transformam as moléculas nas suas relações localizadas para criar corpos complexos.

### **3. Terceiro movimento: do equilíbrio ao caos**

É dessa forma que Guattari define a noção de agenciamento, utilizada também por Deleuze e Guattari e teorizada por eles de maneira mais esquemática no Platô 5 de *Mil Platôs* (1995), *Postulados da linguística* e no livro *Kafka: por uma literatura menor*. Já Guattari vai se deter nessa definição em diferentes textos seus, em especial naqueles publicados na coletânea de textos intitulada pelos editores de *Caosmose* (2012), ali Guattari vai falar que o real é constituído de *Fluxos*, *Phyluns*, *Universos de Referência* e *Territórios Existenciais*.

*Fluxos* seriam a circulação, as trocas e correntes de movimento do real, sejam elas de desejo ou de códigos a circular em correntes, sem paradas pré determinadas. Por *Phylum*, que ele denomina também de *Máquinas* para remeter à autopoiese desses conjuntos, temos um grande conjunto de coisas que possuem algo em comum, um fio genealógico que compõe uma discursividade maquínica, do martelo que se interliga à pedra lascada, mas que não se identificam completamente.

Os *Universos de Referência*, que ele chama também de *Universos de valor*, se configuram como coordenadas conjunturais de onde esses corpos vão se orientar como universos de valores. Achemos interessante chamar de Universo de Referência ao invés de Universo de Valor para expressar melhor o que ele vai afirmar de que esses universos são constituintes, a base de um “mundo”. Ele vai falar que é importante pensar diferentes universos de referência que convivem, mesmo em linhas gerais: sistemas sociais, sistemas grupais individuais, sistemas ecológicos, etc.

E por *Territórios Existenciais* ele entende uma organização singular, a expressão singular de um corpo dentro de um Universo de Referência. Concretudes atualizadas do processos contínuo de produção do real, terreno de constituição em movência.

Toda essa complexidade expressa a relação entre um Território Existencial e sua relação com os Universos de Referência, pois a constituição de um Território existencial é singular só que ele precisa estar agenciado com o mundo. Poderíamos pensar um Universo de Referência do capitalismo, que sobrecodifica os territórios existenciais que constituímos. O território existencial pode ser tanto a vida, de um corpo e suas múltiplas relações, quanto a de um coletivo.

Por exemplo, e para usar uma questão que era cara a Guattari, podemos pensar um “coletivo” a partir de um sistema de valores chamado de “esquerda”, ou seja, a esquerda como um Universo de Referência, no entanto essa palavra pode ser vivida de diferentes modos: partidos, coletivos autônomos, a esquerda na universidade, a esquerda na favela, o jovem de esquerda, mulheres de esquerda, ou seja, diferentes modos de atualização do que se entende por essa prática-palavra que constituem diferentes territórios existenciais. Por isso o Território Existencial possui uma face muito ligada ao lado da territorialização, por ele não ser abstrato. É como cada um, cada uma, cada corpo em sua singularidade se agencia com o mundo. A impossibilidade da constituição de um território existencial é um processo desterritorializante, pois expressa a dificuldade de conexão com algum Universo de Referência que é respeitado, ou que em algum momento foi importante para essa vida, pode expressar também o não reconhecimento em nenhum Universo de Referência que esteja aí. Daí a percepção da arte, muito próxima da loucura, como um processo disruptor, pois constitui não apenas novos Territórios Existenciais, mas novos Universos de Referência.

A relação entre os Universos de Referência e os Territórios Existenciais parece ser um pouco óbvia numa primeira análise, com nossa tendência ocidental à binarização, colocamos os universos como valores abstratos e os territórios como substratos parados onde se “expressam” os efeitos de tais valores. Mas Guattari mesmo assinala que a criação potente vai desde o manejo de um Território Existencial que deve ser visto como um terreno multifacetado e de geografias diferentes (sejam velocidades diferentes, durezas aqui, moleza demais acolá, furos e rochas cristalizadas), ou seja, não somente faces concretas e sim como plano de constituição.

E também indica que os Universos de Referência não são transcendentais ou intocáveis, e sim que cada forma de vida nova e em experimentação vai espalhar novos Universos de Referência para o mundo. Mais do que vislumbrar pontos de interpretação corretas, devemos perceber a movimentação do terreno, ir à prática constante de experimentação e rearranjo das relações e afirmar a todo tempo novas referências contingenciais. É na prática plástica que está seu interesse e não somente na leitura da estrutura fixa.

Retomando portanto o exemplo da esquerda: um militante que milita num movimento, partido, ou algo parecido, e que tem certeza que o seu caminho é com essas pessoas, mas que a partir de dado momento comece a sentir dificuldade nas relações ligadas a esse Universo de Referência – sentir que a possibilidade de trocas ali estão sendo diminuídas, ao invés de aumentadas, passar a sentir essas relações não como desejo, mas como culpabilização e cobrança, sentir os modos de militar como imposições e não como constituições coletivas – se a pessoa passar a sentir esse tipo de movimento ela passa não mais a compor, mas a sentir-se culpada, culpar-se por estar questionando um Universo de Referência pelo qual tem respeito e no qual sentiu-se por muito tempo e ainda se sente, ligada. E se o Universo de Referência “esquerda” abarcar muitos âmbitos da vida da pessoa – lazer, família, amizade, trabalho – perder esse Universo de Referência é o desmoronamento de uma vida.

Um bom exemplo para pensarmos essa questão é a imagem produzida pelo *Circuito Fora do Eixo/Midia Ninja* em 2012, no momento da realização da Rio+20: Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Natural e na Cúpula dos Povos, este segundo, um encontro que marca o pensar o desenvolvimento sustentável a partir de movimentos autônomos e organizações e não a partir das “nações”. Nesse momento foi distribuído um folheto com a seguinte imagem:

Na imagem, existe uma provocação ao governo de esquerda, representado por Dilma, questionando a qual Universo de Referência estão ligados, afirmando a impossibilidade de reiterar os dois conjuntamente: a mulher de esquerda presa durante a ditadura, ou a presidenta que realizou Belomonte e teve alianças com o agronegócio?

Então o trabalho que Guattari propõe está voltado à constituição de novos Universos de Referência, não quaisquer, mas se necessário for para sair de situações de apatia. E esse é um ponto central onde gostaríamos de chegar pra pensar a questão do agenciamento. Muitas vezes falamos sem realmente ter em mente o que

entendemos quando propomos o agenciamento como primeiro. Qual a ética implicada? No caso de Guattari seria pensar é pensar uma *ecosofia*.



#### 4. Quarto movimento: a Ecosofia

A impossibilidade de constituição de um novo Universo de Referência e de um Território Existencial que pulse com o processo vital é uma desterritorialização absoluta, é entrar numa relação de achatamento sob valores caducos para nós, que nos arrasta, que nos arrasa. E a desterritorialização absoluta é a morte, é o fim, é o fim de um mundo. Então gostaríamos de deixar isso um pouco em suspenso, ou nos acompanhando, para pensarmos uma ética a partir de Guattari. Retomando a questão colocada no início, a questão do “fim do mundo”, como pensar uma ética com Guattari para pensarmos um momento que coloca as crises atuais (ambientais, políticas etc) como um “fim de mundo”? Guattari talvez nos incita a pensar como podemos transformar não só a nossa política que está aí, mas transformar os nossos Universos de Referência sobre o que olhamos ou para onde olhamos quando pensamos em política. O que consideramos político e como constituir territórios que comportem experimentações políticas? Colocando com as perguntas do próprio Guattari, em texto escrito pouco antes de seu falecimento:

“Como voltar a pegar o corpo com a cabeça? Como articular a ciência e as técnicas com valores humanos? Como colocar-se de acordo sobre propostas de cada um (...)? Será o medo da catástrofe um motor suficiente neste domínio? (...) ou ele produziria uma aspiração ao nada, uma pulsão de abolição? (Guattari, 2015, p. 378-379)

“Do caos capitalista devem surgir o que eu chamaria de atratores de valores: valores diversos, heterogêneos, de dissenso” (Ibid., p. 380)

Como podemos ver, Guattari também fala de fim de mundo, mas sempre se referiu como fim da espécie humana caso não mudasse o modo de viver. Isso não implicava apenas mudanças em nossas ações cotidianas voltadas à sustentabilidade, mas uma mudança de subjetividade. Ele definia a subjetividade como uma “sensibilidade às relações sociais, uma abordagem prática da relação com o outro, é algo distinto da ideologia, são ideias” (Guattari, 2015, p.351). Guattari convida a uma *responsabilidade*, e aqui, nos interessa pensar “responsabilidade” como proposto por Haraway (1995), como um agir juntos e que é inseparável do respeito, RESPECTUS, participio passado de RESPICERE, “olhar outra vez”, de RE-, “de novo”, mais SPECERE, “olhar”<sup>12</sup>. Olhar novamente, olhar de volta. Mas esse olhar vem de “guardare”, do latim e que se refere também a proteger, zelar. Proteger, zelar, pelo/com o outro (Haraway, 2008). Como afirma Haraway, “Talvez nossas esperanças na responsabilidade, na política, no ecofeminismo, estimulem uma revisão do mundo como um trickster codificador com o qual devemos aprender a conversar.” (Haraway, 1995).

Duas das questões, portanto trazidas por Guattari – e que provocativamente ao abrir o texto colocamos que estão ligadas ao fato dele “ser mulher” – são o respeito, isto é, pensar essa *ecosofia* conjugadamente sem dividir, política, meio ambiente e mente, e isso coloca nele essa dimensão de cuidado, porque ao propor a sua filosofia, ele está preocupado sim num mundo melhor por mais ingênua e estranha aos ouvidos de filósofos que essa afirmação possa parecer. E esse “mundo melhor” colocado por ele implica tanto cuidado, quanto o dissenso. Só assim é possível a capacidade do “olhar e ser olhado”, zelar pelo outro, engajar-se em práticas que sejam de desejo e não de simples manutenção.

Então, retomando, Guattari é uma mulher. Que explicita os seus companheiros, que vive de agenciamentos, como uma ética que gostamos de pensar como uma ética feminina. Porque é uma ética que é contrária ao machismo, que é da afirmação de uma vida de cuidado. Não o cuidado como uma fragilidade, mas como uma força de abertura e capacidade de transformar-se com o outro. A afirmação de uma *ecosofia*, de *oikos*: casa, habitar e *sofia*: sabedoria. Habitar com sabedoria. Mas

---

12 <http://origemdapalavra.com.br/palavras/respeito/>

que é também *eco*, relações e *logos*: sabedoria. Saber das relações como um atentar-se às relações, buscando radicalizar que os corpos iniciais só se caracterizam ao estar em relação, em ligação – sejam elas de composição, de uso, de exploração, de ampliação e muitas mais. Esse cuidado se contrapõe à independência, a um determinado modo de pensar a autonomia. É o próprio questionamento da possibilidade da autonomia, da existência de corpos autônomos, como o homem-branco-hetero-independente quer, afirma e pensa que vive. É um cuidado com nossas relações, na consciência de que não somos corpos autônomos, mas corpos constituídos de trilhões de relações covalente, em origem já um coletivo, feito de milhões de outros em encontros nada pacíficos. É “una “nueva dulcura”, una nueva escucha del outro en su diferencia y su singularidad están, aquí también, por inventarse...” (Guattari, 2015, p.44)

### **Referências bibliográficas**

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*; tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão – São Paulo, Editora 34, 1995, v.2

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo. Editora Escuta: 1998.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade: curso no College de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GUATTARI, F. *As três ecologias*. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990

GUATTARI, F. *Caosmose*. Rio de Janeiro, tradução Ana Lucia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, F. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. Tradução de Suely Rolnik. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986

GUATTARI, F. *Qué es la ecosofia? Textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud*. - 1ª ed. - ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2015.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

HARAWAY, J. Donna. *When species meet*. University of Minnesota Press. London. 2008.

HARAWAY, D. *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Duke University Press; Durham and London, 2016